

O sentido do passado no Espírito Santo: a narrativa histórica da superação do atraso.

RAFAEL CERQUEIRA DO NASCIMENTO*

A escrita da história do Espírito Santo, na última década, caracteriza-se pelo conjunto de produções acadêmicas que contribuem na desconstrução de narrativas mestras, de representações históricas cristalizadas que ainda compõem um amplo e forte campo de interpretações sobre o Espírito Santo e seu passado (NASCIMENTO, 2016). Tais representações apresentam uma concepção negativa sobre o passado local que "predomina na sociedade capixaba e condiciona sua autoimagem", caracterizada por ser "socialmente construída, ensinada e repetida" (RIBEIRO, 2012: 171). Recorrência, por sua vez, associada a existência de um discurso da superação do atraso que se manifesta em diferentes avaliações e qualificações sobre o Espírito Santo e sua condição no cenário nacional, no presente e no passado.

A presença dessas leituras acerca do estado direciona para a reflexão de como se avalia, se compreende e se narra o passado local. No Espírito Santo, discursos de diferentes matrizes que avaliam e qualificam o estado reservam um lugar especial à ideia de atraso e guardam uma relação com as narrativas históricas, o que permite o entendimento de como uma sociedade, no caso a capixaba, se relaciona com seu passado. Desse modo, a proposta é a de demonstrar como a produção histórica no Espírito Santo, entre as décadas de 1960 e 1970, instituiu o que denominamos de narrativa histórica da superação do atraso em consonância com o contexto de modernização econômica que, por meio do discurso político do desenvolvimento econômico via industrialização, também estabeleceu uma interpretação sobre o estado a partir do ideal de superação do déficit histórico.

Diante disso, cabe ressaltar o que se entende sobre o discurso da superação do atraso e suas matrizes. A noção de déficit histórico ou atraso bem como a ideia de sua superação vinculam-se a um modo de avaliação e qualificação do Espírito Santo, no presente e no passado. O discurso da superação do atraso, principalmente no que tange à definição de uma imagem negativa do estado, sobretudo em relação ao passado, é construída a partir de duas matrizes:

* Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes. Doutor em História pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes.

por meio de discursos políticos e por parte da produção histórica local. Em relação ao primeiro, o discurso da superação se manifesta em propagandas governamentais, discursos políticos reivindicativos vinculados ao desenvolvimento do Espírito Santo e do lugar marginalizado que lhe é atribuído no cenário nacional. No caso das leituras sobre o passado local, a parte da produção histórica ainda se caracteriza pela apropriação e ressignificação de determinados enunciados e representações historicamente (re)produzidas sobre o estado e seu passado. Dessa forma, consideramos que o discurso da superação do atraso do Espírito Santo é constituído por meio de um conjunto de “enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001: 35), por meio de qualificações, adjetivações, figurações alusivas e simbólicas historicamente instituídas, e definidoras de um status, no presente e no passado (NASCIMENTO, 2016: 59-60).

Desse modo, o conjunto de obras formado por *História do Estado do Espírito Santo*, de José Teixeira de Oliveira, *História do Espírito Santo*, de Maria Stella de Novaes, e *O Espírito Santo é assim*, de Neida Lúcia de Moraes constituiu o que se denominou de narrativa histórica da superação do atraso responsável pela elaboração de um roteiro da história espiritosantense sob o paradigma do desenvolvimento. Assim, definiram um sentido ao passado local caracterizado pelo progressivo desenvolvimento do estado. A análise dessas obras permite compreender como a dimensão temporal do passado é entendida por uma sociedade, ou seja, como a produção historiográfica elaborou essa relação do Espírito Santo com seu passado. Assim, a historiografia local se apresenta como orientadora das interpretações sobre o Espírito Santo. Segundo Rüsen:

A historiografia pode ser caracterizada como processo da constituição da narrativa de sentido, na qual o saber histórico é inserido (mediante narrativa) nos processos comunicativos da vida humana prática. É nesses processos que o agir humano e a autocompreensão dos sujeitos se orientam pelas representações das mudanças temporais significativas (RÜSEN, 2007: 43).

As narrativas da superação do atraso, portanto, permitem uma reflexão acerca da temporalidade, evidenciando que para a história da historiografia interessa, também, a relação que, sempre, em seu presente, cada sociedade estabelece com o seu passado e o seu futuro, ou seja, compreender como tempos históricos específicos mantiveram relações diferentes com o seu passado (REIS, 2003: 191-193). E, nas décadas de 1960 e 1970, no Espírito Santo, as

expectativas em torno do projeto de industrialização instituíram o paradigma do desenvolvimento e seus critérios de sentido, o que implicou nas leituras sobre o passado.

No que tange ao discurso da superação do atraso em sua vertente política correspondeu ao processo de implantação e legitimação de um projeto político-econômico que configurou-se a partir da década de 1960. Segundo Ueber Oliveira, a industrialização no Espírito Santo foi empreendida por uma parcela da elite urbano-industrial local que, após derrubar o governador Francisco Lacerda de Aguiar em 1966, conduziu ao poder, entre 1966 e 1979, três governadores biônicos (respectivamente, Christiano Dias Lopes Filho, Arthur Carlos Gehardt e Élcio Álvares) responsáveis pela inauguração e consolidação desse projeto industrializante que aumentou os investimentos financeiros na economia local, ampliou o parque industrial da região metropolitana, mudanças consolidadas com a implantação dos Grandes Projetos Industriais (OLIVEIRA, 2013: 39).

Nesse período, constituiu-se um conjunto de referências acerca do Espírito Santo associado ao atraso econômico e sua superação. Os discursos governamentais sobre o desenvolvimento local foram construídos, principalmente, no conjunto de documentos oficiais elaborados nesse período. Neles, identifica-se os “diagnósticos do atraso” e “prognósticos de superação” que moldaram as interpretações de Espírito Santo. Nesse sentido, definiram uma representação do estado a partir de sua especificidade no contexto econômico brasileiro: por um lado, demarcaram o Espírito Santo como marginalizado e ocupando o lugar do atraso; por outro, ao longo das décadas de 1960 e 1970, de acordo com o crescimento econômico notado no estado, instituíram o discurso da superação, via industrialização. Nesse contexto, instituiu-se uma lógica de interpretação fundamentada em binarismos tais como periferia/centro, atraso/desenvolvimento, marginalização/inserção, que caracterizaram as ideias desenvolvimentistas locais e orientaram as interpretações sobre a condição do Espírito Santo. Com isso, o discurso político inaugurou um modo de dizer e interpretar o Espírito Santo a partir da definição de um novo status em seu desenvolvimento econômico e um novo lugar no cenário nacional. As expectativas de mudança em torno da industrialização a definiram como um marco de mudança e orientaram a representação da superação do atraso do Espírito Santo (NASCIMENTO, 2016: 69-80).

Se o presente apresentava um futuro diferente caracterizando-se como um contexto gerador de expectativas, configurava-se, em relação à produção histórica, narrativas que definiram um sentido ao passado local em conformidade com o "projeto de superação" via industrialização. De acordo com Koselleck, é possível afirmar que expectativas, esperanças e prognósticos foram trazidos à superfície da linguagem, abrindo a possibilidade de compreendermos como a dimensão temporal do passado passou a ser apreendida no Espírito Santo por meio da historiografia:

A elaboração metódica da experiência do tempo, no passado, em uma perspectiva orientadora que torna possível ver o passado como história, só aparece nas formas de apresentação (na historiografia). É nestas que a perspectiva orientadora com respeito ao passado toma a forma concreta de saber histórico (KOSELLECK, 2006: 182).

As obras *História do Estado do Espírito Santo*, *História do Espírito Santo* e *O Espírito Santo é assim* também instituíram o sentido da superação do atraso em relação à trajetória histórica do estado. Considerando, segundo Rüsen, a historiografia como "processo da constituição da narrativa de sentido, na qual o saber histórico é inserido (mediante narrativa) nos processos comunicativos da vida humana prática" (RÜSEN, 2006: 43), as obras definiram-se como um modelo explicativo acerca do Espírito Santo e, a seu modo, organizaram o saber histórico por meio da narrativa sequencial dos fatos, da descrição dos processos temporais da colônia à industrialização do século XX. O que, por sua vez, as definiram como portadoras de sentido em seu contexto (RÜSEN, 2006: 81-82).

Para a compreensão desse sentido da superação do atraso nas narrativas históricas, as categorias "campos de experiência" e "horizontes de expectativas" foram importantes para avaliar como a dimensão temporal do passado foi entendida (KOSELLECK, 2006: 15-33). A relação entre passado e futuro esteve presente quando se identifica nas narrativas históricas que elas corresponderam aos "prognósticos da superação" elaborados pelo discurso político, ou seja, a relação que estabeleceram com o passado, entendido como campo das experiências do Espírito Santo, recuperado e interpretado pelos autores sob o paradigma da superação do atraso, correspondente a seu horizonte de expectativas. Nessa perspectiva, o conhecimento histórico produzido pelas obras aqui analisadas pode ser observado como interpretação, como o tempo de uma dada consciência histórica (RÜSEN, 2001: 57).

Desse modo, a narrativa histórica entendida como uma constituição de sentido sobre a experiência do tempo estabelece critérios de sentido (RÜSEN, 2001: 90). Segundo Rüsen, o sentido é "dado pelo modo como a narrativa histórica mobiliza a memória da evolução temporal do homem e de seu mundo no passado. Isso permite que as mudanças temporais experimentadas no presente ganhem sentido" (RÜSEN, 2001: 64). Os critérios de sentido "governam a reconstrução histórica", "determinam a lógica de interpretação" do passado, bem como as formas de constituição de uma representação e as possibilidades de entender o passado como algo relevante e importante para uma cultura no presente (RÜSEN, 2006: 119). Esta operação está associada também às normas e valores de uma sociedade

[...] os fatos do passado obtidos pela pesquisa empírica somente se articulam para formar o constructo significativo de uma história, isto é, o conhecimento histórico só é possível se e quando se atribuiu aos fatos um significado para a orientação na vida prática no tempo presente; sem o recurso a normas e valores, isso é totalmente impossível (RÜSEN, 2001: 113).

Nas narrativas da superação do atraso, desse modo, foram estabelecidos critérios de sentido orientados pelo paradigma do desenvolvimento estabelecido no Espírito Santo a partir da década de 1960, a perspectiva do progresso e as expectativas de futuro associadas à industrialização definiram o paradigma da superação do atraso como orientadora das interpretações do passado.

Os autores Maria Stella de Novaes, José Teixeira de Oliveira e Neida Lúcia de Moraes, a partir da lógica de interpretação atraso/progresso, narraram o passado capixaba tendo como critério de sentido o progresso do Espírito Santo. A análise das obras revela que os autores, ao seguirem uma perspectiva temporal linear da história com o objetivo de narrar a trajetória do progressivo desenvolvimento do estado. A imagem do atraso conferida ao passado se constituiu por meio da demarcação de valores e lugares atribuídos a determinados períodos e eventos, e que, por sua vez, foram definidos em função do significado que apresentaram para a trajetória do Espírito Santo. Como consequência, definiram um roteiro da história do Espírito Santo a partir do qual acontecimentos, períodos, circunstâncias e personagens foram avaliados e tiveram seu lugar definido em função do papel que tiveram para o desenvolvimento local, o que evidencia a forma como constituíram um conjunto de ideias e imagens associadas à noção de atraso e sua superação.

Desse modo, o roteiro histórico da superação do atraso foi elaborado desde a origem do atraso até o presente. Os autores adotaram uma narrativa histórica preocupada com a "formação" do Espírito Santo, estruturando a narrativa a partir de sua origem e trajetória, como uma retrospectiva.

O passado colonial foi interpretado como sendo a origem do atraso. A estrutura temporal da narrativa bem como os eventos e circunstâncias eleitos para compor essa trajetória colaboraram na composição dessa imagem de Espírito Santo. Por isso, em nossa análise, seguimos a cronologia e os marcos temporais estabelecidos pelos autores. Nesse processo, constatamos que eles, ainda que tenham seguido uma linearidade, avaliaram e qualificaram o período colonial considerando o que foi o Espírito Santo no século XVI, XVII e XVIII, sequencialmente. Associado a essa qualificação atribuída a cada período, foi possível identificarmos os elementos considerados prejudiciais para o desenvolvimento espiritosantense e os marcos temporais significativos para essa trajetória apresentada pelas narrativas históricas. A saber, os dois primeiros séculos foram marcados, a princípio, pelos empecilhos que caracterizaram o estabelecimento do elemento colonizador, a contar de Vasco Fernandes Coutinho; depois, pela ausência de administradores considerados competentes na condução da Capitania, o que implicou nas malsucedidas governanças dos capitães-mores; e, por último, o século XVIII, assinalado pelos impedimentos oficiais de contato do Espírito Santo com Minas Gerais.

Os autores definiram uma hierarquia aos períodos históricos que foram qualificados em função do que representaram para a trajetória do Espírito Santo. Nesse sentido, coube ao período colonial ser o da origem da marginalidade capixaba. Uma representação de Espírito Santo que foi construída carregando consigo noções de exclusão, ausências e impedimentos que caracterizaram sua trajetória teve no período colonial o momento inaugural da constituição do atraso. O roteiro da dificuldade foi caracterizado, primeiramente, pelas amarguras de seu primeiro capitão-donatário. Vasco Fernandes Coutinho foi representado como aventureiro e mal administrador. As dificuldades encontradas por ele e sua incapacidade de gerar algo positivo coincidiu com a própria condição da capitania nas narrativas. O triste fim de Vasco Fernandes Coutinho marcaria o início do roteiro da superação do atraso (NASCIMENTO, 2016: 95-100).

Se a experiência inaugural não fora benéfica, os autores definiram outros personagens históricos como símbolos do atraso colonial: os indígenas, "os inimigos de todas as horas." A representação dos indígenas é construída como o principal desafio a ser superado na trajetória do Espírito Santo. Selvagens, violentos, inimigos foram caracteres que moldaram a imagem dos grupos indígenas nas narrativas da superação. Suas ações, sempre narradas como ofensiva contra o progresso da capitania surge em vários acontecimentos onde se ressaltam os prejuízos trazidos pela presença indígena (NASCIMENTO, 2016:158-165).

Além desses, um fato histórico é definido como fundamental para o atraso do Espírito Santo narrado pelos autores. As obras apresentam o século XVIII como o momento de descompasso com o progresso de outras capitanias como a do Rio de Janeiro e a de Minas Gerais. De acordo com as narrativas históricas da superação do atraso, o período de exploração do ouro e a própria criação da capitania das Minas Gerais são cruciais para a história capixaba: o da marginalização do Espírito Santo no momento de maior progresso da capitania. Nesse sentido, a proibição por parte da Coroa portuguesa em relação a abertura de estradas para Minas transformou o Espírito Santo no que as narrativas chamaram de "barreira verde." Coube à capitania o lugar secundário de proteção, sendo negado ao Espírito Santo o progresso advindo da atividade aurífera (NASCIMENTO, 2016: 105-109).

Diante desse roteiro de obstáculos para o progresso, a interpretação sobre o passado colonial capixaba seguiu o critério de sentido estabelecido pelo ideal de superação. O valor e o lugar atribuídos à Vasco Fernandes Coutinho, aos indígenas e ao período da atividade aurífera foram definidos em oposição ao desenvolvimento. O fracasso da experiência colonial foi interpretado tendo em vista a dificuldade de progresso a se realizar no Espírito Santo, contrastando esse passado a uma outra realidade futura.

Diferentemente, a chegada do século XIX foi representado de forma distinta aos séculos anteriores na narrativa do progressivo desenvolvimento. Ainda que os autores tenham caracterizado o Espírito Santo no final do período colonial bem como no início do imperial marcado pelos déficits originários dos séculos anteriores, percebemos uma mudança na qualificação e no significado desse momento para a história do Espírito Santo, quando comparado ao colonial.

Segundo Neida Lúcia, por exemplo, o século XIX inaugurou um novo momento do Espírito Santo em relação às expectativas de seu desenvolvimento econômico. Para ela, era necessário "examinar como vencemos os demais prejuízos causados por três séculos de restrições que hoje mal podemos compreender" (MORAES, 1971:35), o que por sua vez, evidenciava como o Estado conseguiu "recuperar em 100 anos o atraso dos 300 que pagamos caro o progresso das outras capitanias" (MORAES, 1971: 32). Nesta perspectiva, a lógica atraso/progresso na interpretação do passado definiu a diferenciação entre o que veio "antes" e "depois" do século XIX, estabelecendo-se, assim, um marco temporal que, por sua vez, definiu um novo sentido à trajetória do Espírito Santo nessas narrativas. De acordo com o sentido dado ao passado, no qual assumiam o presente como marco temporal, o século XIX foi definido dentro da trajetória do progresso como o do início do processo de superação do atraso. Se esta realizasse-se no presente, como já analisamos, o Espírito Santo em sua fase província foi caracterizado pela libertação dos impedimentos que caracterizaram o período colonial, ou seja, no qual possibilidades e horizontes se apresentavam à Província para inaugurar a marcha de progresso rumo ao Espírito Santo republicano.

A visão sobre o século XIX se constituiu em consonância com os critérios de avaliação por eles estabelecidos, o que implicou na definição do que ele carregava de novidade e colaboração para o progresso do Espírito Santo. Este foi apresentado nas narrativas por meio de um conjunto de circunstâncias, eventos e realizações governamentais, que, de maneira geral, compuseram um quadro em que o Espírito Santo figurou em melhores condições do que no período colonial. Constatamos que a noção de progresso foi representada por realizações governamentais, inovações e expansão territorial, interpretadas como conquistas do Espírito Santo. Seguindo a linearidade estabelecida nas obras, os autores construíram um quadro da trajetória do Espírito Santo nesse momento marcado por realizações governamentais e a introdução de inovações de diferentes ordens que foram interpretadas como conquistas e melhoramentos que passavam a constituir características adquiridas pelo Espírito Santo em sua trajetória. Os autores evidenciaram os seguintes temas e aspectos que caracterizariam o século XIX: o fim dos entraves em relação ao contato com as Minas Gerais, a possibilidade de interiorização com a construção de vias de comunicação, fundação de colônias de imigrantes e o surgimento de vilas e povoamentos no interior do Espírito Santo, bem como a introdução de uma série de inovações como o jornal, estradas, telégrafos e

embarcações a vapor, que surgiam na narrativa como símbolos do progresso (NASCIMENTO, 2016: 110-131).

O século XIX, portanto, marcaria um momento inaugural de superação dos obstáculos de sua fase colonial. Na hierarquia estabelecida entre os períodos, o sentido do progressivo desenvolvimento do Espírito Santo encaminhava-se para a sua fase republicana. A representação do Espírito Santo em vias de superação do atraso é alcançado justamente com a República. As expectativas em torno do Espírito Santo definiam, portanto, esse momento como ímpar na história do estado e alinhavam a narrativa histórica com o discurso político da superação do atraso. O futuro promissor foi representado a partir das realizações dos principais governos que colaboraram com o desenvolvimento do estado. Prosperidade e progresso orientaram a leitura do passado. A experiência recente do Estado resgatada pelas narrativas foi interpretada em função das mudanças apresentadas pelo desenvolvimento econômico e orientada pelo horizonte de expectativas formulado em torno da implementação de um projeto de industrialização do Espírito Santo.

Diante disso, as obras *História do Espírito Santo*, *O Espírito Santo é assim* e *História do Estado do Espírito Santo* instituíram a narrativa histórica da superação do atraso a partir da elaboração de um enredo histórico do progressivo desenvolvimento do Espírito Santo. Por meio da ordenação de fatos, circunstâncias e períodos, assim como a hierarquização e qualificação desses em função da contribuição ou oposição ao desenvolvimento do estado, as narrativas instituíram um sentido para o passado capixaba, o da superação do atraso.

Diante disso, a determinação de sentido foi instituída pelo modo de formatação do passado construído pela sequência temporal dos fatos o que, por sua vez, definiu um sentido ao passado a partir da tensão estabelecida entre a experiência pretérita e as expectativas de futuro, ou seja, o estabelecimento de uma história que tivesse sentido para o contexto de modernização via industrialização.

No que diz respeito ao primeiro, segundo Rüsen, esse modelo de configuração do conhecimento histórico caracteriza-se por narrativas exemplares, ou seja, do passado como lição a ser aprendida (RÜSEN, 2007: 51-53). O sentido do passado estabelecido pelos autores na trajetória do Espírito Santo apresentou uma memória histórica voltada para os conteúdos

da experiência do passado local que passaram a representar regras e modelos. Assim, o passado do Espírito Santo apresentou-se marcado pelo atraso, construído por meio de obstáculos e característicos de sua formação. Uma condição de atraso, por sua vez, que passou a validar a narrativa do desenvolvimento. A “história dos obstáculos”, a “história da marginalização”, ou a “história da origem do atraso”, assim como a “história da superação” do Espírito Santo, identificando no passado aspectos negativos e positivos, possibilitou a produção de uma história na qual o Espírito Santo foi narrado seguindo o princípio do progresso, correspondente ao paradigma do desenvolvimento (NASCIMENTO, 2016: 127-131)..

O passado como lição para o presente (RÜSEN, 2007: 54) surge como aprendizado direcionado para dar uma explicação sobre a realidade do estado, exemplar da trajetória de dificuldade e superação que marcaria o progresso do Espírito Santo do atraso colonial à industrialização. No entanto, as narrativas não se resumiram a enredar uma trajetória linear do progressivo desenvolvimento, mas estabeleceram momentos responsáveis pela inauguração de novas etapas que deram, também, sentido à trajetória de superação. Nesse caso, a formatação historiográfica, segundo Rüsen, enfatiza o caráter de transição que passa a ser destacado em processos e acontecimentos do passado que passam a ser historicamente lembrados como portadores de sentido (RÜSEN, 2007: 58). A divergência entre o que se viveu e as perspectivas de um futuro diferente, possibilita que o passado seja articulado com o tempo presente, o que implica que o futuro apareça como oportunidade de superação (RÜSEN, 2007: 59). O contexto gerador de expectativas, o da industrialização, estabeleceu a relação com o passado, o campo da experiência.

Cabe ressaltar, assim, a relação entre o campo de experiência e o horizonte de expectativas que definiram essa relação com o passado por meio da historiografia. Mesmo sendo evidente a diferenciação e a hierarquização entre os períodos colonial, imperial e republicano, o sentido da superação não se fixou na transição entre estes períodos. Os acontecimentos caracterizados como marcos definidores do atraso e do progresso nas narrativas estabeleceram o sentido do passado do Espírito Santo. Desse modo, entre a experiência do atraso e a expectativa da superação, a relação estabelecida foi a de diferenciação e afastamento, ou seja, uma relação de ruptura com o passado, representado pelo atraso. Nessa perspectiva, o período colonial

inaugurou o atraso. No entanto, o descaso, a marginalização e os obstáculos são modificados ao longo das narrativas por mudanças que surgem como elementos impulsionadores do desenvolvimento.

Nessa perspectiva, mesmo posicionados de acordo com a linearidade temporal da narrativa, o sentido de superação foi dado pela dicotomia entre esses marcos do atraso versus os do progresso. Por exemplo, a interpretação acerca do ano de 1800 como nova etapa da trajetória do Espírito Santo ou a chegada dos imigrantes como símbolo de conquistas para a Província, ganharam uma conotação positiva na trajetória local porque correspondem a marcos de superação de uma condição anterior, caracterizada pelo lugar atribuído às dificuldades administrativas, as de ocupação e de interiorização que marcaram os séculos XVI, XVII e XVIII no Espírito Santo. A narrativa estabelece momentos de ruptura entre períodos que são interpretados em função da noção de superação que caracterizava as expectativas do presente tal como surgiram nas narrativas ao demarcarem o processo de industrialização como o encontro do Espírito Santo com um novo patamar de desenvolvimento.

Enfim, a dimensão temporal do passado, portanto, foi elaborada sob o paradigma do desenvolvimento e definiu a perspectiva da superação do atraso. Instituiu-se, assim, uma identidade histórica que permeou o discurso político e historiográfico. A emergência do discurso da superação do atraso foi caracterizado pela correspondência entre discurso político das décadas de 1960 e 1970 e a narrativa histórica da superação do atraso. Os autores Maria Stella de Novaes, José Teixeira de Oliveira e Neida Lúcia delinearam uma forma de narrar historicamente o Espírito Santo, capaz de explicar a condição de atraso histórico do Espírito Santo bem como evidenciar a busca por sua superação. Inauguraram, assim, um modo de explicar o Espírito Santo fundamentado nas narrativas históricas.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2 ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo, Cortez, 2001.

Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC/Contraponto, 2006.

MORAES, Neida Lúcia Borges. **O Espírito Santo é assim**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1971.

NASCIMENTO, Rafael C. **A narrativa histórica da superação do atraso**: um desafio historiográfico do Espírito Santo. 291 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1964.

OLIVEIRA, José Teixeira. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

OLIVEIRA, Ueber José de. **Configuração político-partidária do estado do Espírito Santo no contexto do regime militar**: um estudo regional acerca das trajetórias de ARENA e MDB (1964-1982). 355 f. Tese de Doutorado, Universidade de São Carlos, São Carlos, 2013.

REIS, José Carlos. **História e Teoria**: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIBEIRO, Luiz Cláudio M. Modos de ver (1534-1643): o governo da capitania do Espírito Santo na sua primeira centúria. In: BITTENCOURT, Gabriel; RIBEIRO, Luiz Cláudio M. (orgs.). **Espírito Santo**: um painel da nossa história II. Vitória: Secult, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A História Escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **História viva**. Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Ed. UnB, 2007.